

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM



Temporada 2023



sem
fron-
teiras

6, 7 E 8 ABR



CONCERTO TAMBÉM
TRANSMITIDO AO
VIVO GRATUITAMENTE
EM [YOUTUBE.COM/
VIDEOSOESP](https://www.youtube.com/videosoesp)



6 ABR QUI 20H30

7 ABR SEX 20H30

8 ABR SAB 16H30

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

SIR RICHARD ARMSTRONG REGENTE

KAREN CARGILL MEZZO SOPRANO

DAVID STOUT BARÍTONO

BEDRICH SMETANA [1824-84]

Má Vlast [Minha Pátria]: *Vysehrad* [1872-74]

12 MIN

BÉLA BARTÓK [1881-1945]

O Castelo de Barba Azul, Op. 11 [1911]

55 MIN

SAULO JAVAN VOZ DO PRÓLOGO

MONICA WEBER VOZ DAS PRIMEIRAS ESPOSAS

BEDRICH SMETANA

LEITOMISCHL, BOÊMIA, IMPÉRIO AUSTRIACO (ATUAL LITOMYSL, REPÚBLICA TCHECA), 1824 — PRAGA, BOÊMIA, IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO [ATUAL REPÚBLICA TCHECA], 1884
Má Vlast [Minha Pátria]: *Vysehrad* [1872-74]

Orquestração: piccolo, 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão (prato de choque e triângulo), 2 harpas e cordas.

Estreia mundial: *Vysehrad* estreou em 14 de março de 1875, com a Filarmônica de Praga. O poema sinfônico completo foi ouvido pela primeira vez em 5 de novembro de 1882 no Palácio Zofín, em Praga, sob regência de Adolf Cech.

Quando a harpa, abrindo o ciclo *Má Vlast*, apresenta o primeiro tema, já sabemos que estamos diante de algo realmente grandioso. Quatro dos seis poemas sinfônicos que configuram *Minha Pátria* foram compostos por Bedrich Smetana quando a surdez já o atingira (a partir de 1874) — o que só engrandece a figura desse que foi o fundador da escola nacionalista tcheca, sucedido por Dvorák [1841-1904] e, mais tarde, por Josef Suk [1874-1935], entre outros. Smetana concebera, inicialmente, uma obra sobre o curso do rio Moldava, “Vltava”, o segundo poema sinfônico do conjunto. Compôs, em seguida, “Vysehrad” (nome de uma lendária cidadela real na entrada de Praga), a peça que abre o ciclo, e, mais adiante, outras cinco, até reunir os seis poemas sinfônicos — “Sárka” (uma espécie de amazona tcheca), “Dos Prados e Bosques da Boêmia”, “Tábor” (o local de um acampamento de hussitas¹) e “Blaník” (nome de uma montanha na República Tcheca). A vocação de *Minha Pátria* é, assim, dar conta dos diversos aspectos históricos, culturais, sociais e naturais que são considerados os mais relevantes daquele país.

Lendas, cantilenas, danças, acontecimentos épicos, a força da natureza, episódios pastoris e de confronto com inimigos externos — as partes do ciclo tratam, ambiciosamente, de todos esses motivos, conversando musicalmente umas com as outras, retomando temas, entrecruzando-se. Desse modo, *Minha Pátria* não é um simples somatório de poemas sinfônicos, mas um conjunto amarrado de tal modo que o último deles, “Blaník”, encerra-se com a recordação do tema exposto em “Vysehrad”, a peça inaugural. Como escreveu o próprio Smetana, a melodia hussita ali presente constitui um “hino vitorioso, cantado por todo o povo, [que] fecha a composição e, ao mesmo tempo, a série de poemas sinfônicos do ciclo *Minha Pátria*”.

No livro *A Cortina*, o escritor Milan Kundera [1929] comenta aspectos do nacionalismo para ele por vezes exacerbado de seu compatriota Smetana e recorre, mais uma vez, a Kafka, que diz que “aquilo que em outros lugares provoca uma confusão passageira leva aqui a nada menos que uma questão de vida ou morte”. Cada um a seu modo, Suk, Dvorák e Smetana — do mais novo para o mais velho — nos convidam, aqui, para um mergulho musical através da turbulenta alma tcheca.

Bernardo Ajzenberg

Escritor, tradutor e jornalista. Publicou, entre outros livros, o romance *Olhos secos* (Rocco, 2019).

¹ O teólogo e filósofo Jan Hus [1370-1415] foi o líder no movimento que antecipou a Reforma Protestante na Boêmia. Seus seguidores ganharam o nome de hussitas.

BÉLA BARTÓK

NAGYSZENTMIKLÓS, IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO (ATUAL SÂNNICOLAU MARE, ROMÊNIA), 1881 — NOVA IORQUE, EUA, 1945
O Castelo de Barba Azul, *Op. 11* [1911], com libreto de Béla Balázs [Szeged, Hungria, 1884 — Budapeste, Hungria, 1949]

Orquestração: 2 piccolos, 4 flautas, 2 oboés, corne inglês, requinta, 3 clarinetes, clarone, 4 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 4 trompetes, 4 trombones, tuba, tímpanos, percussão (bumbo, prato de choque, prato suspenso, caixa-clara, triângulo, tam-tam, xilofone), 2 harpas, celesta, órgão e cordas.

Estreia mundial: 24 de maio de 1918, na Ópera Estatal Húngara, sob regência de Egisto Tango, com Oszkár Kálmán como Duque Barba Azul e Olga Haselbeck como Judith.

Não é tarefa fácil falar do compositor Béla Bartók, nascido em uma remota cidade do Império Austro-Húngaro e cuja contribuição para a música do século XX rivaliza com a de Debussy, Stravinsky e Schoenberg.

Aceito como estudante no Conservatório de Paris, Bartók preferiu ficar na Academia de Música de Budapeste, onde foi aluno de István Thoman (piano) e de János Koessler (composição). Em 1904, seu poema sinfônico *Kossuth*², escrito à maneira de Richard Strauss e com elementos musicais húngaros, causou boa impressão não só em seu país natal, mas também em toda a Europa. No biênio 1904-05, junto com Zoltán Kodály, começou a empreender inúmeras expedições pela Hungria, Transilvânia, Eslováquia e Romênia para coletar e analisar a música folclórica dessas regiões, transcrevendo as escalas pentatônicas³ locais em danças e suítes, sem jamais perder a essência étnica da música original.

² Lajos Kossuth [1802-94] foi um dos mais importantes heróis nacionais húngaros. O prêmio que leva seu nome é a mais importante honraria oferecida pelo governo da Hungria.

³ Formada pela seleção de 5 notas dentro de uma oitava.

Em 1907, Bartók sucedeu a Thoman na Academia de Budapeste, o que lhe permitiu se aprofundar ainda mais na compilação da música folclórica, transpondo tipos novos e modais de harmonia e métrica irregular, aliados a uma nítida influência debussiana (que Kodály trouxera de Paris), para obras importantes como o *Concerto para Violino nº 1*, o *Quarteto de Cordas nº 1* e a ópera em ato único *O Castelo de Barba Azul*, cuja ação pouco convencional a torna uma experiência única do gênero lírico.

A história de Barba Azul já havia sido transformada em ópera por Paul Dukas em 1907, tendo como ponto de partida a peça *Ariadne e Barba Azul* de Maurice Maeterlinck. Três anos depois, o dramaturgo húngaro Béla Balázs publicou o seu *Castelo do Duque Barba Azul*, também baseado na obra de Maeterlinck, com uma dedicatória conjunta do texto a Bartók e Kodály, de quem esperava o interesse para que criasse uma ópera. Mas foi Bartók, que apreciava a obra de Dukas, quem resolveu usar o texto de Balázs para compor seu *O Castelo de Barba Azul* de fevereiro a setembro de 1911. A ideia era inscrevê-la em um concurso organizado pela Ópera de Budapeste com o intuito de se aproximar do público, já que a ópera era um gênero muito popular na época. No entanto, o resultado final, bem distante das convenções do teatro lírico da época, desagradou aos jurados conservadores, que recusaram a obra, declarando que ela seria “irrepresentável”.

Bartók ressentiu-se do fiasco e saiu de Budapeste, dedicando-se pouco à composição nos anos seguintes e muito à pesquisa etnomusicológica, viajando da Bulgária a Biskra (norte da Argélia) e da Sérvia à Rutênia. Toda essa miríade de influências musicais viria se

tornar parte de sua forma de criar e, graças ao sucesso obtido com o balé *O Príncipe de Madeira* [1917], a Ópera Real de Budapeste resolveu montar *O Castelo de Barba Azul*.

A estreia ocorreu em 24 de maio de 1918, em Budapeste, sob regência do maestro italiano Egisto Tango (o dedicatário do *Príncipe de Madeira*), mas as resenhas não foram favoráveis. O amigo Kodály foi um dos poucos a perceber como os críticos estavam errados: “Trata-se de uma obra-prima, um vulcão musical em erupção durante 60 minutos de tragédia condensada e que nos deixa com apenas um desejo, que é ouvi-la de novo”.

O compositor estruturou formalmente seu *Barba Azul* como um arco, antecipando o que se tornaria sua marca registrada em obras-primas da maturidade, como a *Música para Cordas, Percussão e Celesta* e a *Sonata para Dois Pianos e Percussão*. A ação se passa no grande salão do castelo do duque Barba Azul (barítono), então recém-casado com a jovem Judith (soprano), que deixou sua família para viver nesse local úmido e escuro. A música inicialmente é sombria, inspirada em uma balada coletada na Transilvânia. Judith conhece os boatos sobre as ex-esposas desaparecidas, mas, mesmo neste ambiente opressivo, está feliz e apaixonada. Quer trazer ao castelo a luminosidade de seu amor, mas ouve de seu taciturno marido que nada iluminará sua morada. Esse conflito psicológico entre duas criaturas tão diferentes é expresso musicalmente por Bartók através das mudanças bruscas de ritmo e de intensidade sonora e pelas interações entre as escalas pentatônica e diatônica⁴, criando uma linguagem musical que contrasta o tempo todo entre o sutil e o violento.

Ao perceber que o castelo possui sete portas que estão fechadas, Judith pede a Barba Azul que as abra, mas o duque afirma que ninguém deve ver o que está por trás delas. Ao bater na primeira porta, Judith ouve um terrível suspiro, como se o próprio castelo estivesse se lamentando. Aqui o efeito sonoro obtido por Bartók é magistral ao empregar a percussão, os violoncelos e o órgão. Por fim, o duque acaba cedendo e entrega a chave a Judith, que, ao girá-la, ouve outro dolorido suspiro.

Por detrás da primeira porta, a câmara de torturas está iluminada por uma luz avermelhada, na verdade o sol nascente, que ajuda Judith a enfrentar seus temores. Judith percebe que as paredes estão manchadas de sangue e pede as chaves para que todas as portas sejam abertas. Indagada pelo marido sobre os motivos desse desejo, a resposta de Judith é simples: “porque eu te amo”. O tema do sangue é tocado pelos instrumentos de sopro e, de forma recorrente, passa a permear toda a obra.

A segunda porta revela o arsenal do castelo manchado de sangue. Ainda assim, Judith insiste que o amor entre eles exige total compartilhamento. Recebe do marido outras três chaves. No terceiro cômodo, há o maravilhoso tesouro do castelo — o duque informa então à esposa que tudo ali é dela, mas as joias manchadas de sangue atemorizam a mulher.

Quem encoraja a abertura da quarta porta é Barba Azul, e por trás dela surge um maravilhoso jardim secreto, cujas rosas estão tintas de sangue. O solo também está encharcado de sangue! Angustiada pela visão, Judith quer

saber quem sangra para alimentar o solo, mas não obtém resposta. É o duque quem pede à esposa para que abra a quinta porta e, por trás dela, encontra-se o vasto e belo domínio do Barba Azul. Neste ponto da partitura, a música de Bartók atinge seu clímax, com um radiante acorde de Dó Maior. Uma nuvem de cor sanguínea cruza próxima ao sol. Judith se espanta, mas o marido está radiante pela extensão de seu poder. Ela está determinada a abrir as duas últimas portas, a despeito do aviso do esposo de que a partir dali o castelo ficará mais escuro. Barba Azul lhe entrega apenas uma chave.

Ao ser aberta a sexta porta, novamente se ouve o agonizante suspiro. Judith contempla um imenso lago formado por lágrimas. A esposa compreende o significado do sangue e das lágrimas. Não há mais como esconder o sofrimento das ex-esposas de Barba Azul. O duque beija a mulher com carinho e abre a sétima porta. Por detrás dela estão suas três ex-esposas, ainda vivas. Uma a uma são apresentadas a Judith. A primeira foi amada pelo duque durante a manhã. A segunda, ao meio-dia, e a terceira, ao entardecer. Judith será a esposa a ser amada à noite. Pasma, ela recebe de Barba Azul uma coroa e um cetro. O duque a convida para se juntar às ex-esposas, declara seu amor e as tranca no quarto para voltar à solidão e à escuridão de seu castelo. A música retorna à sombria tonalidade do Fá Sustenido da balada inicial e, assim, fecha-se o arco.

A coesão primorosa entre o texto de Balázs e a música de Bartók em *O Castelo de Barba Azul* representa um dos exemplos mais bem-sucedidos de como os estudos de Freud sobre psicanálise encontraram ressonância em outros campos, em especial no Simbolismo literário, no qual o belga Maeterlinck, mentor de Balázs, foi um dos expoentes.

Ao analisar a obra, Suhamy⁵ sugere que o castelo representa a alma do duque, cujos segredos Judith desvendará ao abrir as portas. Cada quarto simboliza um aspecto sombrio da psique do esposo, como sadismo, poder, ganância, narcisismo, possessividade, sofrimento. O sétimo, com as ex-esposas, representa os segredos mais íntimos que se recusa a revelar. Judith, por sua vez, simboliza a busca da liberdade. Musicalmente, Machado Coelho⁶ nota que esta “alegoria da incomunicabilidade” é caracterizada pela oposição entre o Fá Sustenido do solitário Barba Azul e o Fá Maior e o Dó Maior da extrovertida Judith.

Vale a pena lembrar que tanto a versão de Maeterlinck/Dukas quanto a de Balázs/Bartók se basearam no conto original de Charles Perrault, publicado em 1697 no livro *Os Contos da Mamãe Gansa*, clássico da literatura infantil que reúne *O Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida* e *Cinderela* — para ficar nos contos de fadas favoritos dos psicanalistas.

Se perguntarmos aos universitários a explicação por trás da simbologia de quartos fechados e chaves, descobriremos que se trata de metáforas sobre confiança e comunicação. Que o digam as crianças, que gostam de se trancar nos quartos para ler contos de fadas.

Marco Aurélio Scarpi nel I a Bueno
Médico pneumologista. Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina. Como pesquisador musical publicou, entre outros livros, *Sons por Detrás da Cortina: Música no Leste Europeu Durante a Guerra Fria*.

⁴ A típica escala da música ocidental, ou seja, sete notas com cinco intervalos de tons e dois intervalos de semitons.

⁵ SUHAMY, J. *Guide de L'Opéra*. Bélgica: Marabout, 1992.

⁶ MACHADO COELHO, L. *Nela Vive a Alma de Seu Povo. Vida e obra de Béla Bartók*. São Paulo: Algor, 2009.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista Concerto e o Prêmio da Música Brasileira. Em outubro de 2022, a Osesp — Orquestra e Coro — estreou no Carnegie Hall, em Nova York, realizando dois programas — o primeiro como convidada da série oficial de assinaturas da casa, o segundo com o elogiado projeto “Floresta Villa-Lobos”.



Sir Richard Armstrong REGENTE

Nascido em Leicester, no Reino Unido, em 1943, *Sir* Richard Armstrong foi diretor musical da Ópera Nacional do País de Gales entre 1973 e 1986 e diretor musical da Ópera Escocesa, entre 1993 e 2005. Ao longo da carreira, desenvolveu extenso trabalho com o repertório operístico, com atenção especial às obras de Verdi, Wagner, Richard Strauss e Janáček. Apresenta-se regularmente no Festival Internacional de Edimburgo e na Ópera Nacional Inglesa. Esteve à frente de orquestras como a Filarmônica de Londres, a Philharmonia (Londres), a Sinfônica da BBC, a Sinfônica Alemã de Berlim e a Sinfônica de Melbourne, sem falar na Osesp e na Orquestra do Festival de Campos do Jordão. Em 1997, foi nomeado regente do ano pela Royal Philharmonic Society e condecorado cavaleiro pela coroa britânica.



KAREN CARGILL MEZZO SOPRANO

Uma das mais renomadas cantoras de sua geração, vencedora do Prêmio Kathleen Ferrier em 2022, a escocesa Karen Cargill foi indicada ao Grammy por sua atuação em *Diálogos dos Carmelitas*, de Poulenc, junto à Metropolitan Opera. Recebeu em 2018 o título de Doutora *Honoris Causa* pelo Conservatório Real da Escócia. Recentemente se apresentou na Royal Opera House (Londres), na Ópera Alemã de Berlim, no BBC Proms e com a Sinfônica de Montreal e a Filarmônica de Londres. A mezzo soprano é célebre por suas interpretações de Wagner, como as personagens Erda e Fricka nas óperas *O Ouro do Reno e Siegfried*, Brangane em *Tristão e Isolda*, Waltraute em *O Crepúsculo dos Deuses* e Magdalena em *Os Mestres Cantores de Nuremberg*. É patrona do Coro Nacional de Garotas da Escócia (NYCOS).



DAVID STOUT BARÍTONO

Por sua versatilidade vocal, carisma no palco e refinada atuação, David Stout é hoje considerado um dos mais destacados barítonos do Reino Unido. Na Temporada 2022-23 interpreta Baron Joroslav Prus em *O Caso Makropulos*, de Janáček, junto à Ópera Nacional Galesa, Kurwenal em *Tristão e Isolda*, para a Grange Park Opera, além de atuar junto à Orquestra Filarmônica de Oxford na *Paixão Segundo São Mateus*, de Bach. Já apresentou-se em óperas como *Jenufa*, de Janáček (Royal Opera House), *Figaro se divorcia*, de Elena Langer (Teatro Magdeburg), *Don Quixote*, de Massenet (Staatstheater Darmstadt), *Falstaff*, de Verdi (Grange Park Opera), *Nixon na China*, de John Adams (Ópera Escocesa) e *O Barbeiro de Sevilha* (Ópera de Oslo). Suas recentes gravações incluem participações junto à Orquestra Nacional da BBC do País de Gales.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR

THIERRY FISCHER

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA

DAVI GRATON

SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS

YURI Y RAKEVIC

SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS

ADRIAN PETRUTIU

SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS

LEV VEKSLER*

SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS | EMÉRITO

IGOR SARUDINSKY

CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS

MATTHEW THORPE

CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS

ALEXEY CHASHNIKOV

AMANDA MARTINS

ANDERSON FARNELLI

ANDREAS UHLEMANN

CAMILA YASUDA

CAROLINA KLIMANN

CÉSAR A. MIRANDA

CHRISTIAN SANDU

DÉBORAH SANTOS

ELENA KLEMENTIEVA

ELINA SURIS

FLORIAN CRISTEA

GHEORGHE VOICU

INNA MELTSER

IRINA KODIN

KATIA SPASSOVA

LEANDRO DIAS

MARCIO KIM

PAULO PASCHOAL

RODOLFO LOTA

SORAYA LANDIM

SUNG-EUN CHO

SVETLANA TERESHKOVA

TATIANA VI NOGRADOVA

RENAN OLIVEIRA**

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO

MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO

PETER PAS CONCERTINO

ANDRÉ RODRIGUES

ANDRÉS LEPAGE

DAVID MARQUES SILVA

ÉDERSON FERNANDES

GALINA RAKHIMOVA

OLGA VASSILEVICH

SARAH PIRES

SI MEON GRINBERG

VLADIMIR KLEMENTIEV

FLORENCE SUANA**

VIOLONCELOS

HELOISA MEIRELLES CONCERTINO

RODRIGO ANDRADE CONCERTINO

ADRIANA HOLTZ

BRÁULIO MARQUES LIMA

DOUGLAS KIER

JIN JOO DOH

MARIA LUÍSA CAMERON

MARIALBI TRI SOLIO

REGINA VASCONCELLOS

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES SOLISTA

PEDRO GADELHA SOLISTA

MARCO DELESTRE CONCERTINO

MAX EBERT FILHO CONCERTINO

ALEXANDRE ROSA

ALMIR AMARANTE

CLÁUDIO TOREZAN

JEFFERSON COLLACICO

LUCAS AMORIM ESPOSITO

NEY VASCONCELOS

HARPAS

LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA
 FABÍOLA ALVES PICCOLO
 JOSÉ ANANIAS
 SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCADIO MINCZUK SOLISTA
 JOEL GISINGER SOLISTA
 NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
 PETER APPS
 RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OVANIR BUOSI SOLISTA
 SÉRGIO BURGANI SOLISTA
 NI VALDO ORSI CLARONE
 DANIEL ROSAS REQUINTA
 GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA
 JOSÉ ARIÓN LIÑÁREZ SOLISTA
 ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
 FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA SOLISTA
 ANDRÉ GONÇALVES
 JOSÉ COSTA FILHO
 NIKOLAY GENOV
 LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
 EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DI SSENHA SOLISTA
 MARCOS MOTTA UTILITY
 MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI SOLISTA
 WAGNER POLISTCHUK SOLISTA
 ALEX TARTAGLIA
 FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAI XO

DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

TUBA

FILIPE QUEIRÓS SOLISTA

TÍMPANOS

ELI ZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA
 RICARDO BOLOGNA SOLISTA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
 ALFREDO LIMA
 ARMANDO YAMADA
 RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA SOLISTA

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA

ANDREA CAMPOS VIOLINO
 DANIEL MOREIRA VIOLINO
 GERSON NONATO VIOLINO
 RICARDO TAKAHASHI VIOLINO
 CINDY FOLLY VIOLA
 CAMILLA RIBEIRO VIOLONCELO
 RENATO DE SÁ VIOLONCELO
 ABNER AMÉRICO FLAUTA
 FACUNDO CANTERO FAGOTE
 DANIEL FILHO TROMPA
 EDMILSON GOMES TROMPETE
 HUGO KSENHUK TROMBONE
 PAOLA BARON HARPA
 NELSON SILVA ÓRGÃO

* CARGO INTERINO.

** ACADEMISTAS DA OSESP.

Os nomes estão relacionados em
 ordem alfabética, por categoria.

Informações sujeitas a alterações.

Fundação Osesp**PRESIDENTE DE HONRA**

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PEDRO PULLEN PARENTE PRESIDENTE
 STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
 ANA CARLA ABRÃO COSTA
 CÉLIA KOCHEN PARNES
 CLAUDIA NASCIMENTO
 LUIZ LARA
 MARCELO KAYATH
 MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
 MÔNICA WALDVOGEL
 NEY VASCONCELOS
 PAULO CEZAR ARAGÃO
 SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
 TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO

MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL

FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

+ www.fundação-osesp.art.br/equipe

**Governo do Estado
de São Paulo****GOVERNADOR**

TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR

FELÍCIO RAMUTH

**SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA DE SÃO PAULO****SECRETÁRIA DE ESTADO**

MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO

FREDERICO MASCARENHAS

CHEFE DE GABINETE

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

**COORDENADORA DA UNIDADE DE
MONITORAMENTO DOS CONTRATOS DE GESTÃO**

GI SELA COLAÇO GERALDI

**COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO
CULTURAL, BIBLIOTECAS E LEITURA**

CHRISTIANO LIMA BRAGA

PRÓXIMOS CONCERTOS DA OSESP NA SALA SÃO PAULO

20, 21 E 22 ABR

OSESP

KEVIN JOHN EDUSEI REGENTE

NING FENG VIOLINO

Obras de Beethoven, Ligeti e Janáček

27, 28 E 29 ABR

OSESP

PIERRE BLEUSE REGENTE

ALEXANDER GAVRYLYUK PIANO

Obras de Prokofiev e Tchaikovsky



AGENDA COMPLETA: WWW.OSESP.ART.BR/PROGRAMACAO

INGRESSOS: WWW.OSESP.ART.BR/INGRESSOS

ALGUMAS DICAS PARA APROVEITAR AINDA MAIS A MÚSICA

Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

ASSISTA: [@VIDEOSOESP/PLAYLISTS](https://www.youtube.com/@VIDEOSOESP/PLAYLISTS)

Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que **não** será possível retornar.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as

obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance. Sempre que quiser recordar a música, visite nossas redes sociais.

Comidas e bebidas

O consumo **não** é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.

SERVIÇOS

Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.

Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.

Lojas Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção e infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.

Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos — mediante reserva pelo telefone (11) 3325-9958 ou pelo e-mail ssp@8arte.com.br.

ACESSO À SALA

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



CONFIRA HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO E OUTRAS INFORMAÇÕES EM:
WWW.SALASO PAULO.ART.BR/SERVICOS

osesp.art.br

@osesp_

/osesp

/videososesp

@osesp

@osesp

salasaopaulo.art.br

@salasaopaulo_

/salasaopaulo

/salasaopaulodigital

/@salasaopaulo

fundacao-osesp.art.br

/company/fundacao-osesp/



"Barba Azul" ("Barbe Bleue"), ilustração de Gustave Doré publicada em *Les Contes de Perrault* (Paris: Jules Hetzel, 1862).

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SP **SÃO PAULO**
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de
Cultura e
Economia
Criativa

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PRONAC: 221688